

*Processo  
Colaborativo com  
Adolescentes:  
Recortes de uma  
Experiência de  
Ensino do Teatro  
em Escola Pública*

*Wellington Menegaz*

Nesse artigo analiso o processo de criação do espetáculo “Sol Ardente e Depois Daquela Viagem”. Trata-se de uma prática de ensino do teatro baseada em processo colaborativo, desenvolvida em 2007, com vinte e sete adolescentes, dentro do “Projeto de Teatro”, atividade extracurricular da Escola Municipal Dr. Gladsen Guerra de Resende, localizada no bairro Jardim Canaã, de Uberlândia (MG). Durante o ano de 2007, procurei, enquanto professor do Projeto de Teatro, dialogar com os alunos, para saber o que queriam falar, quais os temas que julgavam importantes de serem debatidos e improvisados em aula. Era uma prática teatral feita por adolescentes e que dialogava com a realidade do bairro Canaã. Cabe destacar que esse estudo faz parte da minha dissertação de mestrado intitulada “O Teatro e os Adolescentes do Canaã: Aspectos Artísticos e Comunitários”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina.

**Palavras-chave:** Adolescentes, Teatro e Comunidade

## *Introdução*

A experiência que analiso aconteceu no bairro Jardim Canaã, do município de Uberlândia, Minas Gerais, mais especificamente na Escola Municipal Dr. Gladsen Guerra de Rezende. Trata-se de uma prática de ensino do teatro desenvolvida no ano de 2007, com vinte e sete adolescentes, no período extracurricular, denominada pela instituição como “Projeto de Teatro”.

Meu primeiro contato com o Projeto de Teatro se deu em 2005. Naquele mesmo ano, fui convidado pela direção da escola para encenar um espetáculo com, aproximadamente, cinquenta adolescentes. A partir de então, iniciou-se a trajetória das montagens teatrais da E. M. Dr. Gladsen Guerra de Rezende. Durante os anos de 2005 a 2007, período em que o processo de montagens existiu no Gladsen<sup>1</sup>, foram encenados os seguintes espetáculos: “Romeu e Julieta na Terra Prometida”, “As Mil e Uma Noites”, “Sol Ardente e Depois Daquela Viagem”. Cabe destacar que a construção drama-

<sup>1</sup> Forma como os moradores do Canaã se referem à E. M. Dr. Gladsen Guerra de Rezende.

túrgica das encenações se deu em processo, a partir de improvisações, que relacionavam fragmentos dos textos originais e falas criadas pelos próprios participantes.

A análise dos espetáculos citados anteriormente e sua relação com os adolescentes do Canaã fizeram parte da minha pesquisa de mestrado, intitulada “O Teatro e os Adolescentes do Canaã: Aspectos Artísticos e Comunitários”. Nela problematizo elementos da condução dos processos e as especificidades de cada montagem, descrevendo os diferentes processos de criação, analisando as opções feitas com base em referenciais teóricos que tiveram impacto diretamente na forma como a linguagem teatral se relacionou com os adolescentes que participaram dessas experiências. Neste artigo, apresento as problematizações a cerca do processo de criação da última encenação.

## *Assembleias*

No ano de 2007, estávamos apresentando um espetáculo montado no ano anterior, “As mil e uma noites”. Durante os ensaios e apresentações, percebi que os alunos queriam um espaço para debater sobre questões que aconteciam no cotidiano deles. Decidi criar esse momento, que denominamos de assembleias<sup>2</sup>. Uma vez por mês, reuníamos-nos para discutir assuntos que os adolescentes julgavam importantes.

A pauta era elaborada por eles, e a minha função era a de mediador, pois as decisões que precisavam ser tomadas eram discutidas e analisadas por todos os integrantes do Projeto de Teatro. Abaixo, transcrevo um trecho do protocolo de uma participante, que descreve o momento, de uma das “assembleias”, em que foram decididas as regras do grupo:

Foram desenvolvidas as regras da seguinte maneira: foram feitos vários tópicos, como por exemplo, a questão do número de faltas, atrasos, etc. Depois trabalhamos com um tópico por vez, onde todos davam suas sugestões e, logo em seguida, ele era votado. A sugestão mais votada ficava como regra. Cada um podia votar apenas uma vez por tópico. Antes de votar, houve o debate sobre as sugestões (Participante 1, 2007).

<sup>2</sup> Durante o ano de 2007 foram realizadas cinco Assembleias.

Durante as assembleias, várias questões sobre o Canaã começaram a surgir e os adolescentes expressaram o desejo de encenar algumas delas. Foi, então, que tive a ideia de criar uma nova montagem para explorarmos, por meio da linguagem teatral, as histórias do bairro. Assim, iniciamos o processo de construção de um novo espetáculo, para o qual todos os participantes do Projeto de Teatro foram convidados, uma vez que a ideia partiu do desejo deles.

### *Um Processo Colaborativo*

**N**a construção desse novo espetáculo, optei por desenvolver um processo colaborativo, no qual todos os participantes ajudariam na escolha do tema, na construção da dramaturgia e na criação das cenas. Stela Regina Fisher assim define o processo colaborativo:

Entendemos por processo colaborativo o procedimento que integra a ação direta entre ator, diretor, dramaturgo e demais artistas. Essa ação propõe um esmaecimento das formas hierárquicas de organização teatral. Estabelece um organismo no qual os integrantes partilhem de um plano de ação comum, baseado no princípio de que todos têm o direito e o dever de contribuir com a finalidade artística. Rompe-se com o modelo estabelecido de organização teatral tradicional em que se delega poder de decisão e autoria ao diretor, dramaturgo ou líder da companhia (FISHER, 2003, p. 39).

A possibilidade de desenvolver um trabalho colaborativo foi apresentada aos participantes logo no primeiro encontro, uma vez que impor esse processo, sem a consulta dos adolescentes, seria negar o sentido de uma ação democrática. Após a apresentação da proposta de trabalho, os participantes ficaram entusiasmados, uma vez que esta era a tradução de algo que já estava sendo discutido nas assembleias.

O bacana é que a cada ano que passa o professor aparece com uma novidade. Quando a gente pensa que já fez de tudo, tem sempre um jeitinho diferente de fazer. Mas vou confessar uma coisa: – “acho que este ano vai ser o melhor de todos!”. Vamos fazer uma peça que vai ser a “cara” da gente. Penso que será mais responsabilidade, afinal não iremos ser apenas atores, vamos fazer um pouco de tudo, inclusive criar o texto (Participante 2, 2007).

Iniciamos, então, o processo, sem nenhum texto – peça teatral ou conto – no qual pudéssemos nos apoiar. Nesse início, havia mais dúvidas do que certezas. Para ser sincero, as únicas coisas que tínhamos como certas eram: a busca por um espetáculo que fosse o olhar de todos sobre questões que perpassavam pelo contexto da comunidade; e que iria ser tecido coletivamente, ou, parafraseando Fisher (2003, p. 42), por meio da “proliferação de vozes autorais”.

### ***Narração e improvisação de histórias***

O primeiro mês de trabalho foi marcado pela narração de histórias. Em roda, os adolescentes compartilhavam histórias que ouviram dos seus pais, de seus avós ou de algum amigo. A temática era bem variada, mas todas tinham algo em comum – o fato de se passarem dentro do Canaã. Depois, fazíamos uma votação para escolhermos duas. Dividíamos a turma em dois grupos, de acordo com as afinidades em relação às narrativas, e começávamos o processo de improvisações. Os participantes combinavam alguns fatores, como quem faria qual personagem e o local onde aconteceria, após, improvisavam. Posteriormente, acontecia a avaliação, em que fatores estéticos e o conteúdo abordado eram discutidos. Logo, os grupos decidiam quais aspectos levantados na avaliação queriam incorporar. Por último, executavam nova improvisação.

Nesse primeiro momento, surgiram histórias baseadas em um realismo fantástico e outras no cotidiano direto deles. Ainda não tínhamos certeza para qual lado caminhar, então, foi feita uma reunião para escolhermos os rumos que queríamos tomar. Quase que unanimemente, o grupo decidiu por investir em histórias que tivessem relação com a realidade deles para construirmos nosso produto final.

Sobre o sentido das narrações de histórias, recorro ao pesquisador Eugene van Erven, que menciona o processo de dramatização de histórias como sendo um dos elementos mais frequentes no teatro produzido em contextos comunitários. Segundo ele, trata-se de “[...] ênfase em histórias pessoais e locais (em vez de peças prontas) que são trabalhadas inicialmente através de improvisações e ganham forma teatral coletivamente” (ERVEN, 2001, p. 2, apud NOGUEIRA, 2009, p. 176). Essa definição delinea os caminhos que estávamos dispostos

a percorrer no novo processo: não iríamos utilizar um texto pronto, mas criá-lo a partir de histórias pessoais e locais, durante um processo de criação colaborativo.

## *A Busca Pelo Tema*

Para decidir o tema da montagem, questionei os participantes sobre os pontos positivos e os aspectos do bairro que os deixavam insatisfeitos. Várias foram as respostas apontadas. Em relação aos pontos positivos, alguns lembraram os projetos artísticos desenvolvidos nas duas escolas municipais do Canaã, os amigos, o posto de saúde, os espetáculos do Gladsen, etc. Entre os pontos que consideravam que deveriam ser mudados no Canaã, todos foram unânimes em relação à violência e à comercialização de drogas no bairro.

Alguns alunos moravam perto de “bocas de fumo” e relatavam a experiência de serem acordados com traficantes pulando o muro e entrando no quintal de suas casas, para fugir da polícia. Contavam, também, de colegas que já estavam trabalhando no tráfico e outros que haviam sido assassinados. O namoro era outro assunto que surgia, pois a maioria dos participantes estava vivenciando suas primeiras experiências de namoro, inclusive dentro do próprio grupo. Tudo isso foi incorporado no processo, exploramos esses assuntos em debates e improvisações.

Começamos, então, a trabalhar duas ideias – o tráfico de drogas e a descoberta da sexualidade, que sempre emergiam nas histórias narradas pelos adolescentes. Sobre a questão do tema, Santiago Garcia nos traz a seguinte definição, fruto da análise do trabalho teatral que desenvolve com seu grupo, o “La Candelária”<sup>3</sup>:

O tema de uma obra é o assunto fundamental de que trata. É a substância do conteúdo. No processo, este “tema” vai aparecendo paulatinamente à medida que são descobertas suas diferentes camadas através das improvisações. De modo que no início do trabalho o tema é sumamente vago [...]. É através da elaboração da forma que se vai esclarecendo, se definindo o “tema” (GARCÍA, 1988, p. 25).

<sup>3</sup> Cabe destacar que essa análise se refere ao trabalho de criação coletiva, e não de processo colaborativo, desenvolvido pelo grupo La Candelária.

Nesse momento, as ideias que surgiram, de trabalhar o tráfico de drogas e a descoberta da sexualidade, eram vagas, não podíamos defini-las ainda como sendo nossos temas. Só durante o processo, depois de algumas improvisações, é que foram tomando forma e ficando mais claras para o grupo. Depois de um mês de trabalho, tínhamos dois temas – drogas e sexualidade.

Quando concluímos as duas etapas iniciais – narração de histórias e definição dos temas, já havíamos percorrido cerca de dois meses, do início do processo. Foi nesse momento que solicitei que os alunos escolhessem histórias literárias que tratavam dos assuntos abordados até então. Fomos à biblioteca da escola fazer a pesquisa, cada participante escolheu dois livros. Estávamos na última semana de aula do primeiro semestre, eles teriam as férias para ler. O intuito não era escolher um texto para montar, e sim, algo que fosse um estímulo a mais no processo.

## ***Formação de Dois Grupos***

**E**m agosto, quando voltamos das férias, todos relataram as histórias dos livros e o grupo improvisou algumas delas. Foram dois dias de trabalho. No final do segundo, sentamos em roda e cada um informou qual das histórias abordava mais os temas que estávamos pesquisando. No final, selecionamos as quatro mais votadas. Fizemos nova votação e escolhemos duas. Mesmo depois de encerrada a votação, consultamos novamente o grupo, todos concordaram com o resultado final.

As duas histórias escolhidas foram “Sol Ardente”, de Júlio Emílio Braz (1987), e “Depois Daquela Viagem”, de Valéria Piassa Polizzi (2003). O primeiro livro mostra o cotidiano de jovens que vivem em um contexto marcado pelas drogas. Já o segundo explora, entre outras questões, a descoberta da sexualidade e a AIDS, uma vez que a protagonista do livro é uma adolescente soropositiva de dezesseis anos. O livro trouxe um novo elemento que não havia surgido nos nossos debates, a AIDS. Segundo os participantes, esse assunto se relacionava com a realidade deles, relataram casos de jovens soropositivos do Canaã, e o debate sobre esta doença aprofundou nossos diálogos.

A partir de então, a turma se dividiu em dois grupos, um para cada história. Cabe destacar que essa divisão foi feita por afinidade com os temas abordados. Os próprios alunos é que decidiram em qual grupo participar. A única interferência minha, nessa divisão, foi solicitar aos participantes que a formação dos grupos deveria ter como critério único as histórias e temas, e não as afinidades pessoais, como, por exemplo, as relações de amizades.

Eu gosto quando nós somos quem formamos os grupos. Ano passado já foi assim, agente escolhia o personagem e o conto. Agora, esse ano, agente escolheu a história e o tema. Para mim, isso é confiança, o Wellington confia na gente e nós nele. É uma troca que sempre dá certo. Eu e outros colegas decidimos trabalhar a questão da sexualidade, da AIDS, por isso, vamos fazer parte do grupo “Depois Daquela Viagem”. O que me motivou a escolher esse tema não foi o fato d’eu ter um amigo com AIDS, como é o caso de alguns participantes do meu grupo, mas sim porque eu acho importante falar sobre esse assunto. As garotas aqui do Canaã estão engravidando muito cedo, se engravidam é porque não usam camisinha, e isso é muito sério (Participante 3, 2007).

Com os grupos divididos, e aqui cabe ressaltar que ficaram praticamente equilibrados, começamos o trabalho de criação das cenas. Continuamos os encontros nos mesmos dias e horários, porém, com algumas diferenças em relação aos primeiros meses do processo: no início de cada ensaio, ocorriam exercícios de voz, alongamentos e aquecimentos, nos quais todos participavam juntos; logo em seguida, os dois grupos se separavam, ou seja, cada um ensaiava em um espaço físico diferente do outro. Por exemplo, se o grupo do “Sol Ardente” ficasse na sala de teatro, o “Depois Daquela Viagem” ia para outro espaço da escola: pátio, cantina ou biblioteca. A cada aula, revezavam o espaço físico, sala de teatro ou outro local do Gladsen. Importa esclarecer que a utilização simultânea de dois espaços só foi possível devido à confiança que existia entre todos nós, uma vez que eu era o único professor do Gladsen com eles, e como revezava na tarefa de acompanhar os grupos, sempre existia um grupo que estava ensaiando sem nenhum professor da escola. Algo quase impossível de se pensar dentro de uma instituição de ensino, mas que, no nosso caso, não apenas pensamos, como o praticamos, sem ter nenhum problema em relação a essa questão. No final de cada ensaio, todos se encontravam novamente na sala de teatro.

## *Dramaturgia em Processo*

Logo nos primeiros encontros, cada grupo criou um roteiro, que serviu de suporte para as primeiras improvisações dessa nova etapa. Durante a confecção dos roteiros, dei a seguinte instrução: para não se apoiarem apenas nas histórias dos livros, mas também nos debates e improvisações que havíamos realizado no primeiro semestre. Cabe citar que, ao longo dos encontros, os roteiros foram alterados, conforme cada grupo se aprofundava no tema abordado. A seguir, a transcrição do roteiro inicial de “Sol Ardente”, elaborado pelos participantes:

1ª cena – Tentação. Personagens: Carlão, Charles, Henrique, Edna, Cezinha e Renato. Busca da droga. Discussão por falta de dinheiro. Plano para roubar a droga do traficante. 2ª cena – Promessas. Personagens: Henrique e Edna. Henrique encontra Edna, sua namorada, fazendo programa, eles discutem. 3ª cena – Bang Bang. Personagens: Carlão, policiais, Henrique e os “avióezinhos” (amigos de Henrique que vendem a droga). Carlão descobre que Henrique e os outros avióezinhos roubaram o dinheiro obtido pela venda da droga. Revelação: Carlão, o traficante, era também um policial. 4ª cena – Roubo do ônibus. Plano para roubar um ônibus, pois precisavam do dinheiro para pagar Carlão. Roubo do ônibus. 5ª cena – Perseguição. Polícia vai atrás deles e mata Henrique (Participantes, 2007).

Quando começaram a improvisar a partir dos roteiros, novos argumentos e contradições apareceram. Os adolescentes principiaram, então, a se apropriar dos temas. Com isso, descobriram possíveis desdobramentos dos assuntos drogas e sexualidade, o que possibilitou a incorporação de linhas temáticas no encadeamento das cenas, nos moldes propostos por Santiago Garcia (1988, p. 33): “Definimos como linhas temáticas as diferentes formas ou níveis em que se expressa o tema ou assunto fundamental. [...] Se desenvolvem [as linhas temáticas] ao longo de todo o argumento geral, isto é, são os assuntos de que se trata em todos os quadros”. Por exemplo, em “Sol Ardente”, o tema era as drogas, as linhas temáticas foram o tráfico e os adolescentes. Em “Depois Daquela Viagem”, o tema era a sexualidade, e as linhas temáticas foram a descoberta da sexualidade e a AIDS. Sugeri que os grupos incorporassem essas linhas temáticas, tanto nos roteiros, quanto nas suas improvisações.

A dramaturgia do espetáculo foi sendo tecida dia após dia, com a ajuda de todos os envolvidos. Para entender o sentido de tal ação, utilizo a definição de Fisher, para o conceito de “dramaturgia em processo”:

Com frequência, a dramaturgia é elaborada coletivamente, contando com a intervenção dos atores para esse fim, mesmo que tenham como referência um texto teatral pré-estabelecido ou haja presença de um dramaturgo ou dramaturgista no corpo criador. Surge o conceito de dramaturgia em processo, método baseado na criação textual a partir de improvisações e na experiência particular do ator (FISHER, 2003, p. 42).

Cada grupo escolheu duas pessoas, que ficaram responsáveis pela coordenação do material dramatúrgico. Elas debatiam com o grupo a respeito dos roteiros e, em alguns momentos, reelaboravam-nos conforme a necessidade e o desejo de todos os participantes. Além disso, essas duas pessoas auxiliaram os grupos na transcrição das falas, processo esse que se deu da seguinte forma: primeiro, improvisavam, testavam as possibilidades e só quando todos consideravam que a cena estava do jeito como queriam, podendo levar alguns encontros, é que os dramaturgos escreviam as falas. Assim, um texto foi surgindo e nenhuma fala foi decorada. É oportuno explicar que a ideia de transcrever as falas partiu dos próprios grupos, e não de uma sugestão minha. Com isso, a dramaturgia de “Sol Ardente” e “Depois Daquela Viagem” foi sendo desenvolvida durante o processo, com a colaboração de todos os participantes.

## *Composição das Cenas*

Para entender um pouco mais das ações que desenvolvemos durante a criação de “Sol Ardente” e “Depois Daquela Viagem”, recorro à análise de Sérgio de Carvalho (2009, p. 67) em relação ao trabalho colaborativo desenvolvido por seu grupo teatral, a Companhia do Latão: “O material dramatúrgico, as personagens e o conjunto das relações ficcionais e estéticas surgem na sala de ensaio, com base nas improvisações dos atores e nos debates do grupo sobre um tema ou projeto formal”. Esse pensamento resume algo que aconteceu durante a fase de composição das cenas. Por meio de temas, histórias,

debates e improvisações, os participantes se uniram em torno de um objetivo, a construção coletiva do espetáculo. Durante esse processo, minha função era a de um instigador de ideias, um coordenador criativo que agia a partir das ideias vindas dos próprios adolescentes, e não de um proponente de cenas preconcebidas. Sobre o sentido dessa ação, retomo o pensamento de Fisher:

[...] Nesse contexto [o dos processos colaborativos], a função do diretor teatral toma outras dimensões. Embora não lhe pertença a criação da encenação em sua totalidade, o diretor de companhias colaborativas concilia seu trabalho coletivamente com o grupo, supervisionando e coordenando atividade, organizando as contribuições dos criadores a favor da unidade e coesão do ato teatral (FISHER 2003, p. 42).

Em relação aos adolescentes, além de atuar, eles contribuíram na construção dramatúrgica e na direção. Sobre o sentido das várias funções que os atores podem assumir, dentro de um processo colaborativo, apresento o pensamento de Tânia Cristina dos Santos Boy:

Os atores do grupo [referindo-se a grupos com trabalhos colaborativos] são autogestores e se apropriam de diferentes funções de uma produção cênica. Essa condição instrumentaliza o ator e amplia as possibilidades de criação do ato cênico. Dessa forma, o ator não encerra uma única função na criação, mas aprende a manusear outras linguagens que auxiliam na criação do espetáculo, em sua totalidade. A perspectiva colaborativa se realiza internamente, distribuída entre seus integrantes, durante a criação artística (BOY, 2008, p. 220-221).

Cada encontro dessa etapa começava com exercícios de voz, alongamentos e aquecimentos, só então, conforme já mencionado, os grupos começavam a elaboração das cenas, em diferentes espaços do Gladsen. Em relação a esse trabalho de composição: depois que os adolescentes testavam várias possibilidades, por meio de improvisações e debates, chegavam a uma definição de como queriam que determinada cena ficasse; logo em seguida, ajudava-os a limpá-las, mediante marcações cênicas que auxiliavam no andamento estético das propostas. Porém, não interferia no encaminhamento da construção dramatúrgica, para que as cenas pudessem conter, exclusivamente, o ponto de vista dos adolescentes.

Não nos interessava analisar nossos conflitos, com base no olhar de fora, ou seja, de como os outros veem nossa comunidade. O que nos importava era a forma como cada um de nós percebíamos certos assuntos, os quais faziam parte do nosso universo de adolescentes do Canaã, como, por exemplo, o sexo na adolescência, os namoros, as drogas, as relações familiares (Participante 04, 2009).

No final de cada ensaio, os grupos se reencontravam na sala de teatro, e apresentavam um para o outro os resultados do dia. Logo em seguida, tinha lugar a avaliação das cenas, nas quais os aspectos relativos à linguagem teatral e ao conteúdo eram debatidos. No outro encontro, de posse dos dados levantados na avaliação, os grupos reiniciavam suas pesquisas.

Durante essa fase, é que os personagens foram elaborados. Cada adolescente ficou responsável por criar, com a ajuda do grupo, o seu próprio papel. Além disso, havia a preocupação em equilibrar as participações de todos. Em relação à construção corporal dos personagens, ela era baseada na própria corporeidade dos adolescentes. A única diferença é que era o corpo deles, colocado em uma situação, muitas vezes, não vivenciada, como, por exemplo, uma perseguição policial, ou a leitura de um exame de HIV positivo. É pertinente elucidar que nada era imposto, nada era decorado e tudo partia deles. Com isso, a vitalidade e a energia com que interpretavam os seus papéis estiveram presentes durante o processo.

E assim, depois de três meses de trabalho, todas as cenas dos dois grupos haviam sido construídas. Os adolescentes decidiram nomear o produto que criamos a partir do título dos livros “Sol Ardente e Depois Daquela Viagem”. Na verdade, das histórias originais, as únicas coisas que ficaram foram alguns personagens, conflitos e os títulos. Após esse momento, já discutíamos sobre quando e para quem apresentar, porém nossos debates tomaram um rumo diferente. Alguns adolescentes citaram o fato que não poderíamos estreitar o espetáculo, uma vez que ainda não estava finalizado:

Quando pensamos que estava na hora de apresentar, é que vimos que a peça ainda não estava pronta. Algumas pessoas do elenco lembraram que pareciam dois espetáculos diferentes. E na verdade não era isso que nós queríamos, e sim que fossem duas histórias, dentro do mesmo espetáculo. Por isso sentimos a necessidade de algum elemento de ligação entre elas (Participante 05, 2007).

Discutimos sobre essa questão e debatemos sobre quais ideias poderiam ser utilizadas para unir as duas histórias. Depois de várias sugestões, o grupo decidiu retomar a música – “Terra Prometida” – composta por Luciene Aparecida Andrade, para o espetáculo “Romeu e Julieta na Terra Prometida”, a qual falava sobre o que era ser jovem no Canaã. Achei interessante resgatar esse elemento da primeira montagem, afinal, era um ciclo que se fechava, uma vez que a maioria do elenco não iria mais continuar, no próximo ano, no Projeto de Teatro do Gladsen<sup>4</sup>. Convidamos Luciene para participar dos nossos últimos ensaios e apresentações. Ela cantou a música no início, entre as duas histórias, e no final. Nesses três momentos, criamos imagens corporais, que se formavam durante a execução da música. E assim concluímos o processo de montagem.

## *O Espetáculo*

O espetáculo “Sol Ardente e Depois Daquela Viagem” iniciava-se com fragmentos das duas histórias, que se intercalavam ao som da música “Terra Prometida”.

Após a apresentação dos fragmentos, começava “Depois Daquela Viagem”, que tratava dos conflitos de alguns adolescentes, entre eles, Nina, uma jovem do Canaã, que fazia parte do grupo de teatro da sua escola. A personagem conhece um rapaz numa festa, e tem sua primeira experiência sexual. A partir de então, ela descobre que contraiu o vírus HIV. Segundo os participantes, no Canaã, existiam muitos adolescentes começando sua vida sexual bem cedo, alguns aos treze anos, a maioria não se prevenindo, fazendo sexo sem camisinha. Na peça, havia o relato de garotas que se tornaram mães na adolescência. Para eles, falar sobre isso era algo importante, e a forma como trataram do assunto, sem vitimizar a personagem, sem julgamento moral, levando para a cena apenas histórias verdadeiras, que aconteceram no cotidiano deles, fez com que a problemática que envolvia o tema se tornasse ainda mais forte.

---

<sup>4</sup>Uma das lacunas dos projetos extracurriculares do Gladsen era o desligamento dos adolescentes desses projetos após a conclusão do ensino fundamental, limite da educação formal, nessa escola. Nesse momento, eles perdiam a possibilidade de dar prosseguimento a seus projetos culturais, independente da qualidade e da profundidade como estava sendo executado nesses espaços.

As cenas que se sucederam eram de “Sol Ardente”, um espetáculo que, na opinião de alguns participantes, nada mais era do que um “Romeu e Julieta” revisitado. A metáfora do amor e da violência se fazia presente novamente em cena. Um casal de namorados, ela de uma família simples, sua mãe uma lavadeira de roupas, que luta para que a filha estude e que não precise trabalhar na adolescência. Ele, um garoto que “trabalha” no tráfico de drogas, cercado de outros adolescentes que são “aviãozinhos”<sup>5</sup>. Os dois se encontram, apaixonam-se e começam um namoro proibido, uma vez que a mãe dela não aceita esse romance.

Havia cenas em que os adolescentes da história se encontravam na praça do bairro, para consumirem drogas durante o dia. Em outras, esses mesmos jovens planejavam assaltar um ônibus coletivo, no centro da cidade, para poderem obter dinheiro que estavam devendo para o traficante do bairro, ao qual prestavam serviço. Cabe citar que, na encenação, o traficante era o próprio policial que fazia a ronda no bairro.

Após um confronto para acerto de dívidas contraídas por intermédio do tráfico de drogas, o garoto é morto. Sua namorada presencia a briga e o vê ser assassinado.

## *As Apresentações*

Depois de alguns meses, chegou a hora de apresentarem. Foi um momento delicado, tanto para os participantes, quanto para mim. O motivo era claro, as cenas, sem nenhuma censura ou julgamento moral, ficaram fortes. Como a escola receberia isso? Mostrar crianças usando e vendendo drogas, pais que não dão atenção para os filhos, adolescentes sem orientação sexual, contraindo o vírus HIV, primeiras experiências sexuais, policiais trabalhando junto com traficantes no comércio ilícito das drogas, pessoas sendo assassinadas, enfim, nunca tínhamos ido tão longe. Nos anos anteriores procuramos dialogar com o cotidiano deles de forma lúdica e poética, mostrando outras possibilidades e, agora, será que tomamos o rumo errado? Sobre esses questionamentos, transcrevo o depoimento de uma ex-participante:

<sup>5</sup> Nome dado às crianças e adolescentes que “trabalham” no tráfico de drogas.

Dentro do processo de “Sol Ardente”, fiquei pensando sobre a questão de colocarmos na cena a realidade vivenciada por nós, jovens que atuamos, e que também é presente no cotidiano dos que assistiram ao espetáculo. O que mais me marcou foi a forma com que conseguimos superar o desafio de abordar essas questões, tão presentes na nossa comunidade, e transformá-las em cena. Acredito que para os que atuaram e para os que assistiram, o processo foi “um pensar sobre” com potencialidades de transformações positivas para a comunidade em que vivemos (Participante 06, 2009).

Esse pensar sobre, descrito acima, foi um dos elementos que nos motivou a mostrar o resultado do processo. Afinal, criamos aquilo que todos nós queríamos – um teatro comprometido com as questões sociais daquela comunidade. Marcamos a apresentação para aqueles que pensávamos ser nosso único público alvo dentro da escola, os alunos do noturno, todos jovens e adultos. A estreia foi na noite de 21 de novembro de 2007.

No final da apresentação, houve muitos comentários da plateia, a maioria associando o que acabaram de ver com fatos que já presenciaram na comunidade. Infelizmente, não colhemos nenhum depoimento naquele instante, isso seria significativo para nossa avaliação.

Até então, não tivéramos o retorno da direção da escola sobre a apresentação. No outro dia, quando cheguei à instituição, a diretora nos convidou para apresentarmos para as crianças de terceiras e quartas séries do turno da tarde, justificando que elas também precisavam ver nosso espetáculo, pois as questões que abordamos cenicamente já faziam parte do cotidiano delas. Aceitamos o convite, e realizamos seis apresentações, divididas em dois dias.

Nas apresentações foi notório o interesse delas pelas histórias, uma vez que eram questões do seu cotidiano sendo mostradas com outro olhar, o da Arte. Hoje, percebo que faltou fazermos um debate ao final dos espetáculos. Seria relevante saber quais os elementos contidos nas cenas que eles identificavam com seu cotidiano, e qual a opinião deles sobre os temas apresentados.

## *Apontamento Final*

Neste processo criativo, o desejo dos adolescentes em retratar os conflitos dos jovens no Canaã ganhou forma artística. Isso propiciou a eles uma experiência teatral e, ao mesmo tempo, puderam compartilhar com outras pessoas do seu bairro suas inquietações em relação a alguns conflitos que marcavam o cotidiano de sua comunidade.

Para que esse aspecto da cultura de sua comunidade fosse levado à cena, era preciso traduzir esse objetivo na forma da elaboração artística propriamente dita. Essa foi a razão por eleger um processo colaborativo, que valorizasse a expressão dos desejos dos próprios participantes desde o primeiro momento, com a escolha dos temas e histórias, perpassando pelo processo de construção coletiva das cenas, até as apresentações, uma vez que competia aos adolescentes decidir para quem e onde iríamos apresentar.

Considero o processo de montagem de “Sol Ardente e Depois Daquela Viagem”, como sendo uma busca por um teatro produzido com adolescentes e engajado em questões sociais da comunidade. Por meio do teatro, eles encenaram assuntos que os afligiam, compartilharam seus medos, angústias e inquietações com outras pessoas da sua comunidade que também viviam uma realidade semelhante à deles.

## *Referências*

BOY, Tânia Cristina dos Santos. Estética da existência na formação do professor-artista. *Revista Urdimento*, n. 11. Florianópolis: UDESC/CEART, 2008.

BRAZ, Júlio Emílio. *Sol ardente*. São Paulo: Atual, 1987.

CARVALHO, Sérgio de (Org.). *Introdução ao teatro dialético: experimentos da Companhia do Latão*. São Paulo: Expressão popular, 2009.

FISHER, Stela Regina. *Processo colaborativo: experiência de companhias teatrais brasileiras nos anos 90*. Campinas: [s.n.], 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.

GARCIA, Santiago. *Teoria e prática do teatro*. São Paulo: Hucitec, 1988.

NOGUEIRA, Márcia Pompeo. Teatro e comunidade. In: FLORENTINO, Adilson; TELLES, Narciso. *Cartografias do Ensino de Teatro*. Uberlândia: EDUFO, 2009. p.173-183.

POLIZZI, Valéria Piassa. *Depois daquela viagem*. São Paulo: Ática, 2003.

### ***Protocolos de aula***

PARTICIPANTE 1. *Protocolo de aula*. Uberlândia, 05 de abril de 2007.

PARTICIPANTE 2. *Protocolo de aula*. Uberlândia, 03 de maio de 2007.

PARTICIPANTE 3. *Protocolo de aula*. Uberlândia, 09 de agosto de 2007.

PARTICIPANTES. *Roteiro de Sol Ardente*. Uberlândia, 23 de agosto de 2007.

PARTICIPANTE5. *Protocolo de aula*. Uberlândia, 01 de novembro de 2007.

### ***Entrevistas***

PARTICIPANTE 04. *Entrevista concedida a Wellington Menegaz de Paula*. Uberlândia, 13 de setembro de 2009.

PARTICIPANTE 06. *Entrevista concedida a Wellington Menegaz de Paula*. Uberlândia, 13 de setembro de 2009.